



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE  
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE  
CURSO MATEMÁTICA-LICENCIATURA

ROBSON JONES DA SILVA

**A DESTERRITORIALIZAÇÃO E O CUIDADO DE SI: EXPERIÊNCIAS  
DE AULAS REMOTAS**

CARUARU

2022

ROBSON JONES DA SILVA

## **A DESTERRITORIALIZAÇÃO E O CUIDADO DE SI: EXPERIÊNCIAS DE AULAS REMOTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Matemática - Licenciatura do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, na modalidade de monografia, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em matemática.

**Área de concentração:** Educação

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dra. Simone Moura Queiroz

Caruaru

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Robson Jones.

A DESTERRITORIALIZAÇÃO E O CUIDADO DE SI: EXPERIÊNCIAS  
DE AULAS REMOTAS / Robson Jones Silva. - Caruaru, 2022.  
44, tab.

Orientador(a): Simone Moura Queiroz  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Matemática - Licenciatura,  
2022.

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Filosofia da Diferença. 2. Cuidado de si. 3. Aulas remotas. 4.  
Matemática. I. Queiroz, Simone Moura. (Orientação). II. Título.

510 CDD (22.ed.)

ROBSON JONES DA SILVA

## **A DESTERRITORIALIZAÇÃO E O CUIDADO DE SI: EXPERIÊNCIAS DE AULAS REMOTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Matemática - Licenciatura do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, na modalidade de monografia, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em matemática.

Aprovado em: 26/10/2022.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Simone Moura Queiroz (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>o</sup>. Dr.<sup>a</sup> Cristiane de Arimatéa Rocha (Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Juliana Andrade da Silva (Examinadora Externa)  
Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco

Dedico esse trabalho aos meus pais, à minha irmã, à minha esposa, e aos amigos Valdelany e Bruno. Sem eles eu não teria chegado até aqui. Gratidão!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por toda proteção e força que me deu para que chegasse até aqui. Não é fácil, mas pude ver em cada detalhe o agir de um Deus que me chama de filho. Gratidão aos meus pais, Roberto e Iraci, que mesmo com poucos recursos, não mediam esforços para que eu e minha irmã tivéssemos uma educação de qualidade, essa conquista é deles.

Gratidão à minha esposa, Liliane, por toda paciência ao me ver debruçado resolvendo listas e escrevendo artigos, além de toda palavra de afeto e incentivo proferidas nos momentos de desânimo.

Aos meus queridos Valdelany e Bruno, por todo o apoio que recebi no início do curso para que eu tivesse onde dormir quando voltasse do CAA. Sem vocês eu não teria sequer iniciado essa jornada.

Aos meus professores, da educação básica à graduação, cada um contribuiu para que eu fosse quem sou hoje, ainda tenho muito a aprender, mas a base vem forte.

Por fim, mas não menos importante, à minha orientadora, professora Simone Moura Queiroz, pelas discussões incríveis e pelas oportunidades de aprendizagem proporcionadas desde o início do curso.

Assim como as estações, a vida tem ciclos. Os melhores dias são como memórias antigas de um verão regado de risadas, de aventuras e de calor. Mas depois do verão vem o outono. As folhas caem, as circunstâncias mudam. E o inverno é tão traiçoeiro que é quase impossível notar quando de fato começa e quando termina. Os dias são escuros, mais curtos. Parecem saber que se fossem longos derrubariam até os mais valentes entre nós. As estações nos dão a oportunidade de redescobrirmos o significado do que é paciência. Nos levam à reflexão, à esperança de uma nova primavera. No outono, no inverno, esperamos a primavera chegar. E assim como as estações, a vida. (TIAGO ARRAIS, 2016)

## RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo, investigar como os processos de desterritorialização e do cuidado de si afetaram um grupo de licenciandos em Matemática do CAA durante o período de aulas remotas. Possibilitando assim, uma reflexão acerca de como tudo isso acaba influenciando no processo de ensino-aprendizagem. A pesquisa teve como aporte teórico alguns autores como Foucault (2006, 2010), Deleuze e Guattari (1995), Bauman (2011), entre outros. Esse tema foi escolhido com base nas minhas próprias experiências, sendo o cuidado de si, extremamente necessário durante todo o processo de formação. A metodologia foi desenvolvida por meio de um questionário que foi analisado sob uma abordagem qualitativa. Como resultados deste estudo, constatamos como as tecnologias digitais subjetivaram esses alunos das mais variadas formas, trazendo benefícios para alguns, enquanto trazia dificuldades para outros.

**Palavras-chave:** Desterritorialização; cuidado de si; aulas remotas; educação matemática.

## **ABSTRACT**

This study aimed to investigate how the processes of deterritorialization and self-care were affected by a group of undergraduate students in Mathematics at CAA during the period of remote classes. Thus, enabling a reflection on how all this ends up influencing the teaching-learning process. The research had as theoretical support some authors such as Foucault (1996-2008), Deleuze and Guattari (1995), Bauman (2011), among others. This theme was chosen based on my own experiences, and the self-care was extremely necessary during all the graduation process. The methodology was developed through a bibliographic survey and a questionnaire that was analyzed under a qualitative approach. As a result of the study, we could understand how digital technologies have subjected these students in various ways, bringing benefits for some, while bringing difficulties for others.

**Keywords:** Deterritorialization; self-care; remote classes; mathematics education.

## Sumário

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>CONCEITOS.....</b>	<b>12</b>
2.1	DIFERENÇA.....	12
2.2	O CUIDADO DE SI.....	13
2.3	CONCEITOS E APLICAÇÕES DA DESTERRITORIALIZAÇÃO.....	15
2.4	A DESTERRITORIALIZAÇÃO PANDÊMICA.....	17
2.5	EXPERIÊNCIA E SUBJETIVAÇÃO.....	17
2.6	MUNDO LÍQUIDO DE BAUMAN.....	19
<b>3</b>	<b>AULAS REMOTAS.....</b>	<b>23</b>
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>28</b>
<b>5</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>31</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>40</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>42</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Há muito que discutir quando abordamos conceitos como o *cuidado de si* ou *desterritorialização*. Esta pesquisa vem trazer algumas considerações sobre esses processos aplicados no modelo de aulas remotas. A pandemia<sup>1</sup> forçou muitos a mudarem sua rotina e a se adaptarem a novos modelos de trabalho e estudo. E com a universidade não foi diferente.

Traremos alguns importantes teóricos como Foucault (2006, 2010) que faz uma abordagem brilhante sobre a importância do cuidado de si numa perspectiva histórica, e observamos como algumas destas perspectivas podem influenciar nossas vidas. Atualmente, temos dificuldade de nos concentrar em apenas uma atividade, pois mudamos o foco muito rápido e isso faz com que esqueçamos aquilo que realmente é importante, por isso é preciso que voltemos o olhar para nós mesmos, e reflitamos sobre o que pode ser melhorado e quais atitudes precisam ser tomadas para que alcancemos bons resultados nas atividades que nos propomos a fazer.

Do mesmo modo, traremos autores como Deleuze (2010), que apresentam conceitos relativos à ideia de desterritorialização e sua aplicação no cotidiano, mais especificamente à educação. Além disso, traremos uma discussão acerca da utilização de tecnologias digitais como recurso didático investigando as experiências vivenciadas no período pandêmico. Bauman (2011) vem falar sobre o conceito de liquidez aplicado ao mundo moderno, e destacamos como isso influencia os processos de ensino e aprendizagem.

Tudo isso nos leva ao seguinte questionamento: Como um grupo de licenciandos em matemática do CAA foram afetados durante o período de aulas remotas?

Decidi explorar essa área por influência da disciplina eletiva “Filosofia da diferença e Educação Matemática”<sup>2</sup>, a qual me possibilitou refletir sobre o cuidado de

---

<sup>1</sup> A pandemia da covid-19, teve início no final do ano 2019, sendo causada pelo vírus SARS-CoV-2 ou Novo Corona Vírus. É uma doença respiratória que pode levar a óbito em casos de complicação ou situações de risco, como predisposição a doenças respiratórias como asma, ou metabólicas como diabetes ou obesidade.

<sup>2</sup> Disciplina eletiva de 60h. Apresenta uma abordagem de estudos voltados para o devir professor de Matemática, propiciando subsídios para refletir e discutir a respeito da importância de analisar e relacionar o atual Mundo Líquido, com a constituição do professor que tem o Cuidado de si, como pressuposto existencial, reconhecendo a importância de conhecimentos matemáticos e as

si e sobre como os processos de desterritorialização influenciam tanto o professor quanto os alunos. Conhecer a si mesmo e entender as ferramentas que podem auxiliar a construção de uma mente consciente dos fenômenos que ocorrem ao nosso redor, requer dedicação e principalmente reflexão. Com base nas obras de Foucault (1996-2008) e Deleuze (2010), esta pesquisa deve colaborar para um melhor entendimento acerca de si mesmo e do outro.

Diante disso, temos como objetivo geral investigar como um grupo de licenciandos em Matemática do CAA foi afetado durante o período de aulas remotas. Para que tenhamos um melhor direcionamento, definimos os seguintes objetivos específicos:

- Observar a desterritorialização e o cuidado de si apresentados na fala dos sujeitos da pesquisa.
- Perceber o impacto que o cuidado de si - ou ausência do mesmo – pode ter sobre o processo de ensino-aprendizagem;
- Relatar experiências de um grupo de licenciandos em Matemática que estejam relacionadas à desterritorialização;
- Observar como as experiências vivenciadas no período de aulas remotas foram influenciadas pelo uso das tecnologias digitais.

## 2 CONCEITOS

### 2.1 DIFERENÇA

Ao considerarmos estudos voltados à diferença, a primeira coisa que nos vem à mente, de fato, é o distinto em comparação com o outro. A filosofia nem sempre se preocupou com a diferença, ainda mais voltada ao coletivo. Gallo (2008) diz que:

[...] Deleuze e Foucault, empenharam-se em pensar uma “filosofia da diferença”, que parte do princípio da multiplicidade e não da unidade. A filosofia da representação, desde Platão, passando por Descartes e atravessando a filosofia moderna, remete sempre à unidade. Daí sua dificuldade de lidar com o outro enquanto outro, pois no limite tudo o que há se reduz ao Uno. A filosofia da diferença recusa o Uno e pensa o mundo como múltiplo. E, assim, o outro ganha novo sentido. (p. 8-9)

Gallo (2008) continua dizendo que “Trata-se, portanto, numa filosofia da diferença, num ‘pensamento do exterior’, de tomar a diferença em si mesma, o outro em si mesmo, e não como conceitos, como representações.” (p. 10, grifo do autor). A filosofia da diferença nos permite analisar a sociedade de modo a entender os movimentos que influenciam o modelo de educação atual.

Podemos inventar métodos para ensinar, mas o vínculo que une o aprendizado ao ensino, de uma forma que pode ser prevista e controlada, só faz sentido no âmbito da filosofia da representação e não passa, portanto, de uma ficção. Não há métodos para aprender e não é possível saber de antemão que forças se movem numa singularidade quando sua potência é aumentada pelo aprendizado. (GALLO, 2008, p. 14)

A aprendizagem é algo subjetivo e não é possível traçar um mapa que garanta a chegada a esse objetivo. Cada um apresenta suas próprias histórias e cada uma delas vai influenciar essa tentativa de aprendizagem de uma forma diferente. A diferença se apresenta como algo construtivo, em que alguém pode ajudar a si mesmo e ao outro a se desenvolver, mas na prática não é algo tão simples, pois geralmente não se sabe lidar com o diferente, até porque aquilo que não é conhecido é evitado por mero comodismo.

Para educar, portanto, é necessário ter o desprendimento daquele que não deseja discípulos, que mostra caminhos, mas que não espera e muito menos controla os caminhos que os outros seguem. E mais: que tenha ainda a humildade de mudar seus próprios caminhos por aquilo que também recebe dos outros. (GALLO, 2008, p. 15)

É sobre ser reflexivo quanto à própria prática e estar disposto a reconhecer a diferença no outro. O crescimento é mútuo, tanto aprendemos ao conviver com a diferença do outro, quanto permitimos que o outro veja em nós uma possível diferença quando comparados consigo mesmos. Inevitavelmente, a prática do professor é afetada, e as metodologias, revistas, pois é a partir do reconhecimento do quanto o outro é diferente que se abrem oportunidades para experiências cada vez mais ricas.

Eis por que é tão difícil dizer como alguém aprende: há uma familiaridade prática, inata ou adquirida, com os *signos*<sup>3</sup>, que torna toda educação amorosa, mas também mortal. Nada aprendemos com aquele que nos diz: faça como eu. Nossos únicos mestres são aqueles que nos dizem “faça comigo” e que, em vez de nos propor gestos a serem reproduzidos, sabem emitir signos a serem desenvolvidos no heterogêneo. (DELEUZE, 2022, p. 43, grifo do autor)

A repetição por si só não é sinônimo de aprendizagem, embora na própria repetição, como afirma Deleuze (2022), haja diferença. É considerando o múltiplo, o heterogêneo, que devem ser desenvolvidos os momentos de ensino e aprendizagem. Ao proporcionar momentos de valorização da diferença do outro, é possível que se tenha uma conexão entre as próprias características e aquilo que é apresentado como algo “novo”.

## 2.2 O CUIDADO DE SI

Quando nos propomos a discutir esse tema, nos vêm à mente algumas reflexões acerca de como se aplicam os conceitos apresentados por Foucault (2010). A princípio, cuidar de si mesmo com dedicação e constância parece algo simples, mas na prática, é algo que acaba sendo negligenciado, por causa de situações corriqueiras, como trabalho, faculdade ou até mesmo vida social.

Temos a mania de encarar os problemas na intenção de resolvê-los de imediato, algo que muitas vezes leva tempo, dedicação e planejamento, nos tira do foco e nos joga para uma zona de frustração e ansiedade por não conseguir resolver

---

<sup>3</sup> Chamamos “sinal” um sistema dotado de dissimetria, provido de ordens de grandeza díspares; chamamos “signo” o que se passa num tal sistema, o que fulgura no intervalo, como uma comunicação que se estabelece entre os díspares. O signo é certamente um efeito, mas o efeito tem dois aspectos: um pelo qual, enquanto signo, ele exprime a dissimetria produtora; o outro, pelo qual ele tende a anulá-la. O signo não é inteiramente da ordem do símbolo; todavia, ele o prepara, ao implicar uma diferença interna (mas ainda deixando no exterior as condições de sua reprodução). (DELEUZE, 2022, p. 40)

tudo com nossas próprias forças. Quem somos está atrelado àquilo que experienciamos e que de certa forma nos subjetiva, se não estamos em constante vigilância sobre o que acontece com nossa mente e com nosso corpo, é bem provável que todas as áreas pelas quais temos dedicado maior tempo sejam prejudicadas.

[...] é preciso ir em direção ao eu como quem vai em direção a uma meta. E esse não é mais um movimento apenas dos olhos, mas do ser inteiro que deve dirigir-se ao eu como único objetivo. Ir em direção ao eu é ao mesmo tempo retornar a si: como quem volve ao porto ou como um exército que recobra a cidade e a fortaleza que a protege (FOUCAULT, 2010, p.192 apud BOLSONI, 2012, p. 8).

Como apresenta Foucault (2010), o “eu” pode ser comparado a uma fortaleza, que deve ser protegida, cuidada, para que ela mesma nos sirva de abrigo, de defesa. Quando esse objetivo é assumido como, de fato, uma responsabilidade, o ser inteiro é mobilizado para que tudo se realize na mais perfeita ordem. É algo que demanda esforço e tempo, o que denota uma relação “[...] singular, transcendente, do sujeito em relação ao que o rodeia, aos objetos que dispõe, como também aos outros com os quais se relaciona, ao seu próprio corpo e, enfim, a ele mesmo” (FOUCAULT, 2010, p. 50 apud BOLSONI, 2012, p. 3).

O cuidar de si, não pode ser pensado como algo trivial, opcional ou até mesmo ser encarado como um privilégio, como aponta Michail (2011 apud BOLSONI, 2012), mas sim como algo imperativo de valor equivalente para todos. Ao mesmo tempo não é algo efêmero, é uma atitude que deve ser cultivada para toda a vida, especialmente na maturidade onde a visão de mundo é ampliada e aquilo que não parecia tão importante, passa finalmente a fazer sentido. Tudo isso reflete nas vivências do cotidiano, nas relações com o outro, no desempenho profissional e até mesmo acadêmico.

Sendo assim, esse cuidado de si “implica um labor” que exige tempo para praticá-lo em um exercício de si mesmo e em toda a filosofia antiga o cuidado de si foi considerado dever e técnica, contendo um grau de obrigação fundamental. Para tanto, abrangia um conjunto de procedimentos elaborados com muito zelo. Por isso, o cuidado de si constitui-se em uma prática constante e abrangia um vasto e amplo significado, o qual envolve o cuidado de si mesmo pelo viés do ocupar-se consigo mesmo, preocupar-se consigo próprio, enfim, é algo que está rodeado por uma gama de significações em torno de como cada um pode cuidar de si mesmo. (BOLSONI, 2012, p. 5, grifo do autor).

Dedicação, labor, essa atenção sobre si mesmo, é algo que deve ser tida como uma atitude primordial à manutenção da vida. Ainda como aponta Foucault (2006 apud BOLSONI, 2012), esse cuidar de si muitas vezes é visto como uma atitude egoísta de significado distorcido ou interesse individual, quando na verdade olhar para si, não significa necessariamente ignorar o mundo a sua volta, mas ajuda a potencializar a atenção direcionada ao outro.

### 2.3 CONCEITOS E APLICAÇÕES DA DESTERRITORIALIZAÇÃO

O conceito de desterritorialização é bastante aplicado à geografia, como algo relativo ao espaço físico, de fato. O conceito de (des)territorialização, porém, não se limita ao palpável, e aborda conceitos mais profundos como apresentado a seguir: “Segundo Ianni (1992; 1996; 1999) ‘... o sujeito do conhecimento não permanece no mesmo lugar, deixando que seu olhar flutue por muitos lugares, próximos e remotos, presentes e pretéritos, reais e imaginários.’” (apud BARONE, 2016, p. 3)

Quando algo sai do lugar, muda de território. Isso vale tanto para os pensamentos quanto para as experiências vivenciadas a partir das reflexões que fazemos. Essa mudança de território nem sempre é benéfica pois a princípio causa desconforto e demanda capacidade de adaptação, onde aquilo que era feito com naturalidade e sem muito esforço, já não parece mais tão fácil.

É interessante pensar que sem esses momentos de adaptação, de mudança, o desenvolvimento pessoal dificilmente acontece, pois é necessário que haja uma perda de território para que novos caminhos venham a ser explorados. Esses territórios podem se constituir de diversas formas, como afirmam Deleuze e Guattari (1992):

[...] já nos animais sabemos da importância [das] atividades que consistem em formar territórios, em abandoná-los ou em sair deles, e mesmo em refazer território sobre algo de uma outra natureza (o etólogo diz que o parceiro ou o amigo de um animal ‘equivale a um lar’, ou que a família é um ‘território móvel’). (p. 90 apud HAESBAERT; BRUCE, 2009, p. 6, grifo do autor)

Os autores trazem os amigos e a família como algo essencial para a formação do território no reino animal. Não é algo distante da nossa realidade. Somos

condicionados a viver em sociedade, a formar vínculos e dessa forma nos subjetivamos e construímos nossas opiniões e saberes de acordo com aquilo que experienciamos. As experiências que vivenciamos nos possibilitam melhorar aquilo que já faz parte do nosso “eu”, ao passo que somos influenciados e influenciados, e essa troca de saberes fortalece o laço que caracteriza o território.

Como podemos observar a seguir, o próprio pensamento advém do processo de desterritorialização, de modo que é preciso, muitas vezes, que haja um desprendimento de ideias prévias a fim de que novas conexões possam ocorrer promovendo um desenvolvimento intelectual que não seria alcançado cultivando o mesmo tipo de pensamento e se fechando para novas reflexões.

A desterritorialização absoluta refere-se ao pensamento, à criação. Para Deleuze e Guattari o pensamento se faz no processo de desterritorialização. Pensar é desterritorializar. Isto quer dizer que o pensamento só é possível na criação e para se criar algo novo, é necessário romper com o território existente, criando outro. (HAESBAERT; BRUCE, 2009, p. 9)

A criação de um novo território requer o rompimento com o território antigo, um desprendimento que abre espaço para novas experiências e para novas perspectivas de análise daquilo que acontece ao nosso redor. É essencial por outro lado que se cultive a habilidade de adaptação, onde o cuidado de si, mencionado anteriormente, se faz necessário para que haja um conhecimento de si mesmo e se entenda os limites que permeiam nossa mente.

Muito embora, mesmo que tal ensino na disciplina aconteça dentro da escola, na sala de aula, neste ambiente institucional de estruturas rígidas e administrativas; acreditamos que se tal proposta de educação deve visar um fim estabelecido, este deve ser que cada organização, cada singularidade de estudante terá respeitada a sua **desterritorialização** e **reterritorialização** própria do aprendizado, visando a sua emancipação. (OLEGARIO, 2019, p. 32, grifo do autor)

O espaço de cada um deve ser respeitado, tendo em mente que a desterritorialização é inevitável se o objetivo é que o aluno aprenda e crie novas conexões entre os conhecimentos prévios e as novas experiências. Olegario (2019) diz ainda que “A partir do que podemos entender da visão deleuzeana, a compreensão de um território passa a ser ampliada da perspectiva geográfica espacial e vem a ser deslocada para um nível existencial da construção do pensamento.” (p. 77-78).

## 2.4 A DESTERRITORIALIZAÇÃO PANDÊMICA

Ao passo que afunilamos as discussões acerca dos conceitos apresentados nesta pesquisa, e entramos nos méritos educacionais, nos deparamos com algumas considerações importantes que precisam ser destacadas no que diz respeito à maximização no processo de ensino-aprendizagem. Se considerarmos o contexto atual, sob a ótica do cenário pandêmico, nos deparamos com alguns desafios referentes à adaptação às novas metodologias de ensino.

Muito já era discutido sobre a utilização de tecnologias digitais como ferramentas pedagógicas, entretanto, alguns profissionais demonstravam uma certa resistência quanto a essa mudança de território, insistiam em permanecer na zona de conforto. Com a pandemia, fomos obrigados a adaptar as nossas atividades ao modelo remoto, usando a internet que para alguns se resumia ao uso das redes sociais.

Atrelado ao conceito de desterritorialização temos um conceito abordado por Barone (2016) que diz que “O estudo da **DESLOCALIZAÇÃO** na educação possui, portanto o sentido de vincular subjetivamente como era o cenário educacional na educação tradicional e como está sendo proposto pelas novas metodologias de ensino e aprendizagem.” (p. 4, grifo dos autores). Essa deslocalização se refere às mudanças sofridas pela educação através do tempo, o que se tornou evidente nos últimos meses o fato de que vivemos outra realidade, e que metodologias tradicionais precisam ser repensadas a fim de que o máximo de alunos sejam alcançados.

## 2.5 EXPERIÊNCIA E SUBJETIVAÇÃO

A ideia de subjetividade está relacionada com diversos contextos. Quando utilizamos como recurso linguístico, dizemos que algo subjetivo é algo individual, que está intimamente relacionado com a opinião pessoal, com as próprias formas de interpretar as coisas ao nosso redor e de expressar nossos gostos e opiniões. Na filosofia, não fugimos muito desse princípio, pois temos que cada um é subjetivado de maneiras diferentes, por experiências diversas.

Como afirma Mansano (2009), o meio social é onde o processo de subjetivação acontece. É no coletivo, onde temos experiências que serão responsáveis pela formação da nossa individualidade. Como mencionado anteriormente, cada um é subjetivado de maneiras diferentes, uma mesma situação pode ter efeitos completamente diferentes sobre o indivíduo, justamente por nossa maneira de enxergar o mundo ser única e estar relacionada com o fato de que o conjunto de experiências que acumulamos difere, e muito, das que são vivenciadas por outrem.

Vale ressaltar que experienciar algo, não é simplesmente viver ou presenciar uma situação, mas refletir sobre e internalizar princípios induzidos por tal acontecimento. É possível, por exemplo, que estejamos em uma sala de aula e nos desterritorializemos, fazendo com que nosso pensamento vagueie e impeça a assimilação daquilo que está sendo apresentado. Se passamos por esse processo de reflexão, saímos da zona de conforto e passamos agora a modificar o nosso padrão de pensamento, e conseqüentemente, a forma que sentimos as coisas que se passam no coletivo.

Guattari e Rolnik (1996) abordado por Mansano (2009), apresenta a ideia de que a subjetividade acontece em meio a uma luta, onde desconstruímos pensamentos por vezes enraizados com o intuito de construir novos caminhos.

De acordo com Ferreira (2011), a experiência está relacionada com os cinco sentidos - tato, audição, paladar, visão e olfato - pois estes de forma direta sobre o sistema cognitivo, fazendo com que percebamos as situações e solidifiquemos a experiência. O autor analisa esse conceito de acordo com os estudos de Dewey (1922; 1929) a experiência está ligada também à natureza e à manutenção de hábitos, o que faz com que assumamos uma condição discreta. Ao observar as interações que ocorrem na natureza, pode-se perceber que elas fazem parte da nossa experiência, mas também são uma experiência por si só.

Salinero (2011) destaca uma fala de Foucault em uma entrevista com Trombadori (2010):

Uma experiência é algo de onde se sai transformado, se tivesse que escrever um livro para comunicar o que tenho pensado nunca teria forças para começar. Eu escrevo porque ainda não sei o que pensar sobre um tema que desperta meu interesse. Ao fazer isso, um livro me transforma, muda o

que penso, como consequência, cada novo trabalho modifica profundamente as conclusões que havia chegado com o anterior. [...] quando escrevo, o faço antes de qualquer coisa para mudar a mim mesmo e não pensar mais o mesmo que antes. (SALINERO, 2011, p. 2, tradução nossa)

O sair da “zona de conforto” é algo que, assim como a expressão sugere, incomoda. Nem todas as experiências são desconfortáveis, mas o que é necessário destacar é a efemeridade dos elementos que constituem o pensamento crítico. Como já dizia Heráclito de Éfeso, “Nenhum homem pode banhar-se duas vezes no mesmo rio... pois na segunda vez o rio não é o mesmo, nem tão pouco o homem!”. A experiência transforma, faz com que evoluamos ou que abramos mão de ideais que a priori pareciam ser imutáveis, inegociáveis.

## 2.6 MUNDO LÍQUIDO DE BAUMAN

Quando observamos a sociedade e como ela tem se modificado no decorrer da história, vemos que essa mudança está relacionada com diversos aspectos, e com o advento da tecnologia e das mídias sociais, temos uma forte mudança na cultura de toda uma geração. Bauman (2011) em seu livro *44 Cartas do Mundo Líquido Moderno*, nos apresenta situações de um mundo líquido, que muda rápido e não apresenta estabilidade, sendo quase instantâneo, o que pode ser observado com mais clareza pelo uso da tecnologia nos dias atuais como mencionado anteriormente.

Cartas que vêm do mundo “líquido moderno”, quer dizer, o mundo que eu, o autor das missivas, e vocês, possíveis, prováveis leitores, compartilhamos. O mundo que chamo de “líquido” porque, como todos os líquidos, ele jamais se imobiliza nem conserva sua forma por muito tempo. Tudo ou quase tudo em nosso mundo está sempre em mudança: as modas que seguimos e os objetos que despertam nossa atenção (uma atenção, aliás, em constante mudança de foco, que hoje se afasta das coisas e dos acontecimentos que nos instigam hoje); as coisas que sonhamos e que tememos, aquelas que desejamos e odiamos, as que nos enchem de esperanças e as que nos enchem de aflição. (BAUMAN, 2011, p. 4, grifo do autor)

Esses escritos definem muito bem a situação vivida durante a pandemia da Covid-19, onde ninguém tinha certeza de nada, e vivia pensando em como seria o futuro diante da situação do isolamento social e da possibilidade de contrair um vírus ainda desconhecido. Essa situação pandêmica inevitavelmente influenciou todas as

áreas da vida, desde a educação até às relações familiares, e muito do que se tinha como metodologia definida, se mostrava ineficaz. Como afirma Bauman (2011):

[...] esse mundo, nosso mundo líquido moderno, sempre nos surpreende; o que hoje parece correto e apropriado amanhã pode muito bem se tornar fútil, fantasioso ou lamentavelmente equivocado. Suspeitamos que isso possa acontecer e pensamos que, tal como o mundo que é nosso lar, nós, seus moradores, planejadores, atores, usuários e vítimas, devemos estar sempre prontos a mudar: todos precisam ser, como diz a palavra da moda, “flexíveis”. Por isso, ansiamos por mais informações sobre o que ocorre e o que poderá ocorrer. (BAUMAN, 2011, p. 5)

Bauman (2011) apresenta a necessidade de estar aberto a mudanças, tudo que parece estável à primeira vista, pode não durar tanto tempo quanto se pensa e demandar ações que fogem aos, já antigos, hábitos. Vivemos na época dos memes, espalhados pelas redes sociais - em especial, o Tik Tok<sup>4</sup> - em que se utilizados por mais de uma semana, já se tem a sensação de desatualização. A nova geração está crescendo em um mundo que nunca demonstrou uma liquidez tão clara, tão relevante.

Bauman (2011, p. 14, grifo do autor) continua dizendo que “Numa vida de contínuas emergências, as relações virtuais derrotam facilmente a ‘vida real’.”. Parece estranho a alguém de 80 anos, por exemplo, a ideia de viver uma vida virtual. Já é um fato ter que viver duas realidades: uma física, onde acontecem, não necessariamente os verdadeiros, já que os virtuais também o são, mas os mais importantes e mais afetivos, e outra virtual, dotada de possibilidades e facilidades que não são possíveis no mundo físico.

Parece muito atrativo o fato de conversar com pessoas do outro lado do mundo sem ao menos sair de casa. Essas ferramentas são uma conquista e nos possibilitam inúmeras oportunidades de desenvolvimento intelectual, como aprender outros idiomas e praticar com nativos, ter aulas EAD, ter acesso a bibliotecas virtuais, etc. Por outro lado, “As relações virtuais contam com teclas ‘excluir’ e ‘remover spams’ que protegem contra as consequências inconvenientes (e principalmente consumidoras do tempo) da interação mais profunda.” (BAUMAN, 2011, p. 12-13, grifo do autor).

---

<sup>4</sup> O Tik Tok é um aplicativo de vídeos curtos, que envolvem danças, músicas, curiosidades, os famosos memes, divulgação de marcas famosas, além de ser uma rede social e possibilitar a interação entre os usuários. O fato de apresentar vídeos de curta duração, se encaixa muito bem no contexto de liquidez em que estamos inseridos.

Essa interação mais profunda, apresentada por Bauman (2011) se dá por meio da realidade física. Interações físicas devem sim ser valorizadas, e não colocadas em segundo plano a fim de ser só mais uma alternativa de convivência humana. Excepcionalmente, por uma questão de saúde global, que coloca em risco a tão mencionada realidade física, foi preciso cortar por tempo indeterminado os momentos de interação física (quando necessário, tomando medidas de proteção como o uso de máscaras).

Todo esse momento de incertezas, impactou de forma direta, a forma em que eram ministradas as aulas, tanto no ensino básico, quanto no ensino superior. Observe o que diz Bauman ainda no ano de 2011:

A “crise da educação” que tanto se discute em nossos dias não é absolutamente nova. A história da educação sempre esteve repleta de períodos cruciais nos quais se tornou evidente que pressupostos e estratégias experimentadas e em aparência confiáveis estavam perdendo contato com a realidade e precisavam ser revistos ou reformados. Parece, no entanto, que a crise atual é diferente das anteriores. (BAUMAN, 2011, p. 60, grifo do autor)

Não é de hoje que a educação passa por crises, cada uma com suas peculiaridades, mas o que se pode perceber é o fato de que é necessário ter uma visão flexível voltada para as metodologias utilizadas em sala de aula. Aquilo que parece uma ótima ferramenta de apoio educacional, pode não ser tão relevante no futuro, o que nos deixa a dura missão de inovar sempre que possível, além de estarmos sujeitos a mudanças, como já mencionado anteriormente.

Werner Jaeger, autor de estudos clássicos sobre as origens remotas dos conceitos de ensino e aprendizagem, acreditava que a ideia de educação (Bildung) baseava-se originalmente em duas premissas gêmeas: a existência de uma ordem imutável do mundo subjacente a toda diversidade superficial da experiência humana; a vigência de leis eternas que regem a natureza humana. A primeira justificou a necessidade e os benefícios da transmissão do conhecimento dos professores para os alunos, a segunda incutiu nos professores a autoconfiança necessária para insistir na validade atemporal do modelo que desejavam ver seguido e imitado por seus alunos. (BAUMAN, 2011, p. 61-62)

Já dizia Lavoisier, “Na Natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. Por não termos garantia de que as coisas permanecerão imutáveis, precisamos mudar junto com elas, nos adaptar e estar dispostos a transformar conceitos antigos que pareciam ser eternamente eficazes no processo de ensino e

aprendizagem. Bauman (2011) faz uma brilhante análise sobre o mundo líquido moderno, e nos faz repensar algumas práticas e refletir sobre as possibilidades de mudança que ainda enfrentaremos.

A educação assumiu muitas formas no passado e se demonstrou capaz de adaptar-se à mudança das circunstâncias, de definir novos objetivos e elaborar novas estratégias. Mas, permitam-me repetir: a mudança atual não é igual às que se verificaram no passado. Em nenhum momento crucial da história da humanidade os educadores enfrentaram desafio comparável ao divisor de águas que hoje nos é apresentado. A verdade é que nós nunca estivemos antes nessa situação. Ainda é preciso aprender a arte de viver num mundo saturado de informações. E também a arte mais difícil e fascinante de preparar seres humanos para essa vida. (BAUMAN, 2011, p. 67)

Mais uma crise e mais uma aprendizagem. O processo educacional nunca esteve pronto e acabado e é bem provável - seguindo as teorias de Bauman (2011) - que nunca esteja. O professor precisa ter consciência disso, e enquanto aluno, se faz necessário uma reflexão crítica sobre o quanto se deixa influenciar pela onda de relações instantâneas.

### 3 AULAS REMOTAS

Durante a pandemia da Covid-19, foi preciso adaptar diversas situações que não se limitavam à área da saúde propriamente dita. No início da pandemia, todos estávamos preocupados e não sabíamos como continuaríamos as atividades do dia a dia diante das novas restrições de convivência. Entre essas adaptações, o modelo EAD (Ensino a Distância), ganhou força e valorização, pois embora já fosse utilizado por algumas instituições, ainda não era tão popular como recurso pedagógico.

Para nós docentes, essa transição para o ensino remoto de uma forma não planejada traz grandes desafios, uma vez que boa parte dos professores brasileiros não se encontra, efetivamente, capacitada para desenvolver atividades que integram as tecnologias digitais ao processo de ensino e aprendizagem, seja por não estar inclusa no currículo das disciplinas estudadas na graduação, seja por falta de investimentos ou mesmo incentivos na formação continuada nas políticas educacionais. (CORRÊA; BRANDEMBERG, 2020, p. 39)

Como afirmam Corrêa e Brandemberg (2020), os professores foram um dos grupos que mais sofreram, pois grande parte não tinha as habilidades necessárias para a utilização das ferramentas tecnológicas como recurso para aulas remotas. Gravação de aulas, utilização de plataformas de ambiente virtual, ferramentas para aulas síncronas, tudo isso era necessário para que houvesse um bom andamento das aulas. Por parte dos alunos, ainda que tivessem mais familiaridade com a tecnologia, não estavam habituados a utilização desses recursos para fins didáticos.

Nesta perspectiva, o papel do professor de Matemática, assim como os demais docentes, está diretamente ligado à busca de novos conhecimentos a partir de pesquisas, leituras e troca de informações e experiências com outros educadores, no sentido de catalisar informações de como dominar a utilização das tecnologias educacionais no processo de ensino e aprendizagem de Matemática, de modo que se torne um pesquisador permanente na busca de novos conhecimentos, em que consiga ao mesmo tempo ensinar e aprender. (CORRÊA; BRANDEMBERG, 2020, p. 39-40)

O professor também precisa estar disposto a aprender, e essa pandemia serviu para lembrar disso. Estamos em constante processo de aprendizagem, e ter consciência disso nos permite alcançar objetivos que antes não pareciam tão fáceis. Corrêa e Brandemberg (2020) também destacam a importância do professor estar sempre buscando se aperfeiçoar, pois vivemos em um mundo tecnológico, e a educação não pode ficar de fora desse contexto. Como já vimos anteriormente,

vivemos em um mundo líquido (BAUMAN, 2011), e isso nos impulsiona a acompanhar as mudanças que a sociedade vem apresentando.

Por ser algo novo, não se tinha nada pronto e definido para que o processo educativo acontecesse sem maiores problemas. Foram momentos de tentativa e erro, especialmente no que diz respeito às metodologias utilizadas pelos professores.

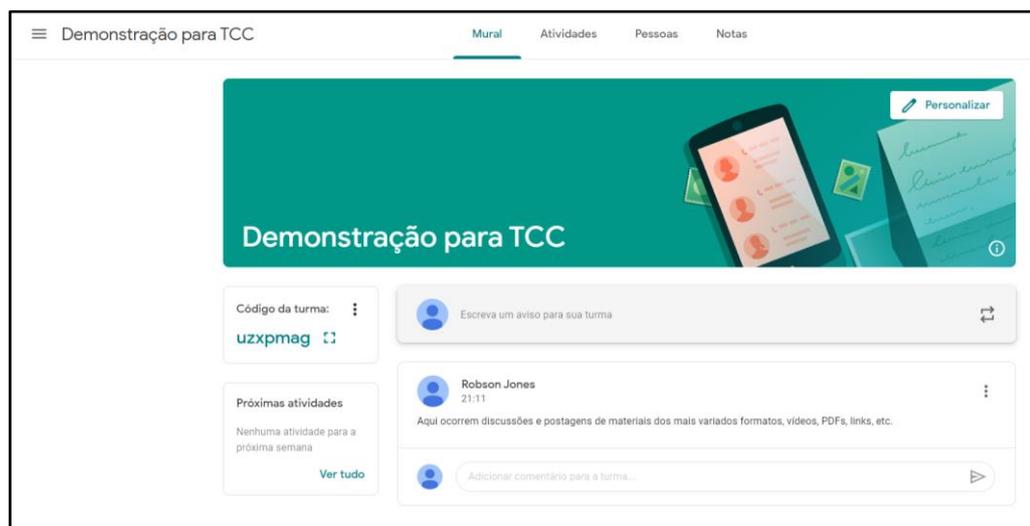
Segundo a atual legislação nacional, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em nenhum momento aborda o termo **ensino remoto**, apenas menciona a Educação à Distância como modalidade de ensino, a qual é regulamentada pelo Ministério da Educação (MEC), que a caracteriza como modalidade de ensino em que todos os envolvidos se encontram separados fisicamente e temporalmente e, desse modo, utilizam a tecnologia para criar esse processo de aprendizagem. Assim, o ensino remoto apenas se assemelha a EAD no contexto do uso das tecnologias, mas os princípios que o embasam são do ensino presencial. (CORRÊA; BRANDEMBERG, 2020, p. 37, grifo do autor)

A partir disso, entendemos que o modelo de ensino remoto foi bastante utilizado, mas na maioria dos casos, ainda se tinha como base o modelo presencial que se apoia nas aulas síncronas, fazendo parte da definição de aulas remotas. Temos basicamente duas opções: aulas síncronas e assíncronas. No primeiro modelo, acontecem encontros virtuais por meio de plataformas de videoconferência como Google Meet ou Zoom, em que há uma interação em tempo real entre o professor e os alunos. Para o modelo de aulas assíncronas, há uma infinidade de opções, como aulas gravadas previamente, leitura de artigos ou interação em salas de aula virtuais como o Google Classroom.

Como afirma Vercelli (2020):

Faz-se necessário esclarecer que, embora as atividades presenciais tenham sido substituídas temporariamente por aulas remotas, o formato usado no segundo caso, de acordo com a Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES), é diferente da tradicional modalidade de Educação a Distância (EaD), em que o conteúdo é, na maioria das vezes, assíncrono, ou seja, sem um horário predeterminado, autoinstrucional, e conduzido por tutores. (VERCELLI, 2020, p. 50)

Figura1: Google Classroom



Fonte: Própria (2022)

Corrêa e Brandemberg (2020), seguem apontando a necessidade da busca pelo desenvolvimento de habilidades do mundo digital.

Para nós docentes, essa transição para o ensino remoto de uma forma não planejada traz grandes desafios, uma vez que boa parte dos professores brasileiros não se encontra, efetivamente, capacitada para desenvolver atividades que integram as tecnologias digitais ao processo de ensino e aprendizagem, seja por não estar inclusa no currículo das disciplinas estudadas na graduação, seja por falta de investimentos ou mesmo incentivos na formação continuada nas políticas educacionais. (p. 39)

Os docentes, naturalmente, trazem em sua prática profissional, experiências pelas quais foram subjetivados, seja na graduação ou formações continuadas. Esse é um detalhe que é deixado de lado quando se avalia a qualidade das aulas, ou mesmo quando o professor ou determinada disciplina são menosprezados por não se encaixar nas expectativas de dinamismo dos próprios alunos. Diante disso, se faz necessário que o professor busque atualizar-se e adaptar-se à liquidez do mundo moderno.

Schimiguel, Fernandes e Okano (2020) também reforçam a ideia de que o profissional da educação deve buscar meios de se aprimorar a fim de melhorar a dinâmica das aulas, bem como incrementar as metodologias que fazem parte do planejamento pessoal. Pois segundo os autores, o fechamento das escolas no período

pandêmico, intensificou a utilização de ferramentas tecnológicas, sendo um desafio para o professor, já que esse modelo de aula exige materiais e posturas diferentes.

Com o crescimento no uso de ferramentas, e recursos das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), o trabalho do educador passou por reformulações, uma vez que os espaços de ensino e aprendizagem assumiram uma nova dinâmica e conseqüentemente, esse profissional terá que dispor de novos aprendizados mediados pelas tecnologias em rede como o Collaborate<sup>5</sup>, uma plataforma que cria salas de aula e disponibiliza novas abordagens de aprendizado em grupo com o conceito de web conferência. (SCHIMIGUEL; FERNANDES; OKANO, 2020, p. 17, grifo nosso)

De acordo com Camas (2013) “[...] o uso das tecnologias digitais aumenta o número de informações disponíveis e novas formas de comunicação podem ser introduzidas no sistema escolar.” (p.13 apud CORRÊA; BRANDEMBERG, 2020, p. 40). O autor chama a atenção para o papel de mediação que deve ser exercido pelo professor, como meio de filtrar essas informações e maximizar as possibilidades de aprendizagem vivenciadas pelos alunos.

Para Corrêa e Brandemberg (2020) a função do professor, especialmente o de matemática “[...] continua e será sempre de fundamental e insubstituível importância, uma vez que, além de assumir o papel de mediador no processo de ensino e aprendizagem, traz consigo a sensibilidade de humanização de todo o processo [...]” (p. 41). Nenhuma máquina jamais poderá substituir o professor, pois é essencial que haja a conexão e sensibilidade do SER<sup>6</sup> humano. Não se trata apenas de transmissão de conhecimento, mas de afeto, de interação, de observação e planejamento diante das dificuldades apresentadas pelos alunos.

Um dos grandes problemas da implementação de aulas remotas no Brasil é a equidade, um grande quantitativo de discentes vivem em uma situação de vulnerabilidade socioeconômica, não possuindo condições de acesso a cursos online, seja por falta de internet de qualidade, computadores, smartphones, ou ainda um espaço físico adequado para assistir às aulas. (CORRÊA; BRANDEMBERG, 2020, p. 42)

---

<sup>5</sup> Sala de aula virtual similar ao Google Meet.

<sup>6</sup> A palavra “ser” quando combinada à palavra “humano” assume a função de substantivo, mas chamamos a atenção para o verbo “ser” em sua essência. Chamar-se “ser humano” não é suficiente, é preciso demonstrar também nas ações.

Do ponto de vista socioeconômico, nos deparamos com a dificuldade de algumas pessoas sobre o acesso à internet, ou aos meios de comunicação necessários para que as aulas aconteçam. Esse é um grande desafio por se tratar de algo relativo às políticas públicas - que não abordaremos nesta pesquisa -, mas que promove uma importante reflexão sobre estratégias que podem ser desenvolvidas para usar o ensino remoto como alternativa em situações de vulnerabilidade social. Diante disso, é importante relatar que muitos estudantes da educação básica, por exemplo, não tiveram acesso às aulas de maneira satisfatória.

## 4 METODOLOGIA

Para nossa pesquisa optamos por uma abordagem qualitativa, que segundo Neves (1996), “[...] assume diferentes significados no campo das ciências sociais”. Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados.”

Por meio de um questionário organizamos algumas questões voltadas para as experiências vivenciadas por um grupo de alunos da UFPE no CAA durante as aulas no período pandêmico, tendo em vista as dificuldades pelas quais alguns alunos passaram, ou até mesmo a preferência por esse novo modelo de ensino.

Este projeto seguiu as seguintes etapas:

- Reunir referencial teórico como base para as análises;
- Elaborar o que será utilizado;
- Explicar aos alunos o objetivo do trabalho que eles foram submetidos;
- Aplicar as atividades elaboradas;
- Analisar os resultados obtidos;
- Discorrer sobre os principais pontos observados durante a pesquisa;
- Defesa da pesquisa.

Totalizando 10 respostas, a pesquisa se deu por meio de um questionário online, utilizando a ferramenta Google Forms. A fim de preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa, optamos por utilizar nomes fictícios inspirados nos deuses da mitologia grega. Vale ressaltar que o gênero dos sujeitos foi mantido, embora não tenha sido levado em consideração na análise.

<b>QUESTIONÁRIO</b>	
<b>PERGUNTAS:</b>	<b>OBJETIVOS:</b>
1. Nome:	Identificação
2. E-mail:	Identificação
3. Você cursa licenciatura em Matemática no CAA? a) Sim b) Não	Assegurar que os sujeitos da pesquisa são do curso de Licenciatura em Matemática.

<p>4. Incluindo o período atual, quantos períodos você vivenciou no modelo de aulas remotas?</p> <p>a) 1 b) 2 c) 3 d) 4 e) 5</p>	<p>Obter uma melhor visualização do tempo de experiência de cada participante da pesquisa, relacionado, é claro, ao modelo EAD.</p>
<p>5. No período de aulas remotas, você chegou a considerar a possibilidade de trancar o curso? Se sim, por qual motivo?</p>	<p>Observar os possíveis impactos causados pela adaptação forçada no período pandêmico.</p>
<p>6. Qual a sua maior dificuldade estudando à distância?</p>	<p>Comparar as respostas afim de constatar algo que seja comum a todos.</p>
<p>7. Em algum momento você se sentiu ansioso(a) ou sobrecarregado(a)?</p>	<p>Observar como se deu o processo de adaptação de cada aluno com relação ao modelo de ensino remoto e seu impacto sobre o processo de aprendizagem.</p>
<p>Em caso afirmativo, o que você fez para lidar com os momentos de tensão?</p>	<p>Observar o lado negativo da experiência de quem se sentiu afetado.</p>
<p>Em caso negativo, você consegue identificar algo em sua rotina ou modo de pensar que tenha ajudado a manter-se bem?</p>	<p>Observar as estratégias do cuidado de si utilizadas pelos licenciandos.</p>
<p>8. Na sua visão, qual a principal vantagem do ensino presencial e do ensino remoto?</p>	<p>Relatar as experiências voltadas ao ensino remoto pandêmico.</p>
<p>9. Considerando o agrupamento das disciplinas em teóricas (pedagógicas, linguagens, ensino) e exatas (cálculo, geometria, álgebra, etc.), qual das duas áreas se adaptou</p>	<p>Constatar qual o maior desafio metodológico enfrentado durante as aulas, e formular possíveis questões para futuras pesquisas.</p>

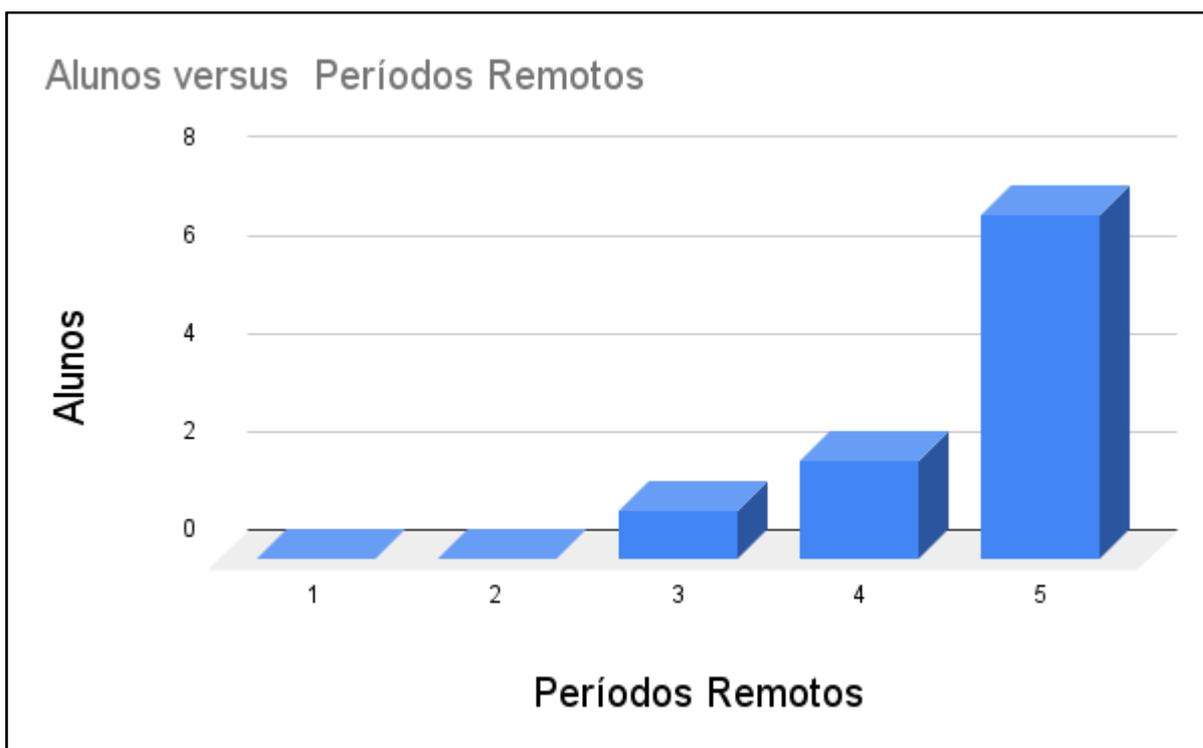
melhor ao modelo EAD? Justifique.	
--------------------------------------	--

## 5 ANÁLISE DOS DADOS

Como mencionado anteriormente, reunimos o relato de 10 sujeitos de períodos aleatórios com relação às suas experiências no que diz respeito às aulas remotas que ocorreram no período de isolamento social em decorrência da pandemia da Covid-19. Os sujeitos estão representados por deuses gregos de forma aleatória sendo preservados os gêneros. A primeira e a segunda perguntas eram unicamente para fins de identificação, sendo relativas ao nome e e-mail.

Todos os 10 afirmaram estar matriculados no curso de licenciatura em matemática da UFPE - CAA, sendo que alguns deles cursaram todos os períodos remotos que foram disponibilizados, enquanto outros vivenciaram apenas parte deles. Observe o gráfico a seguir:

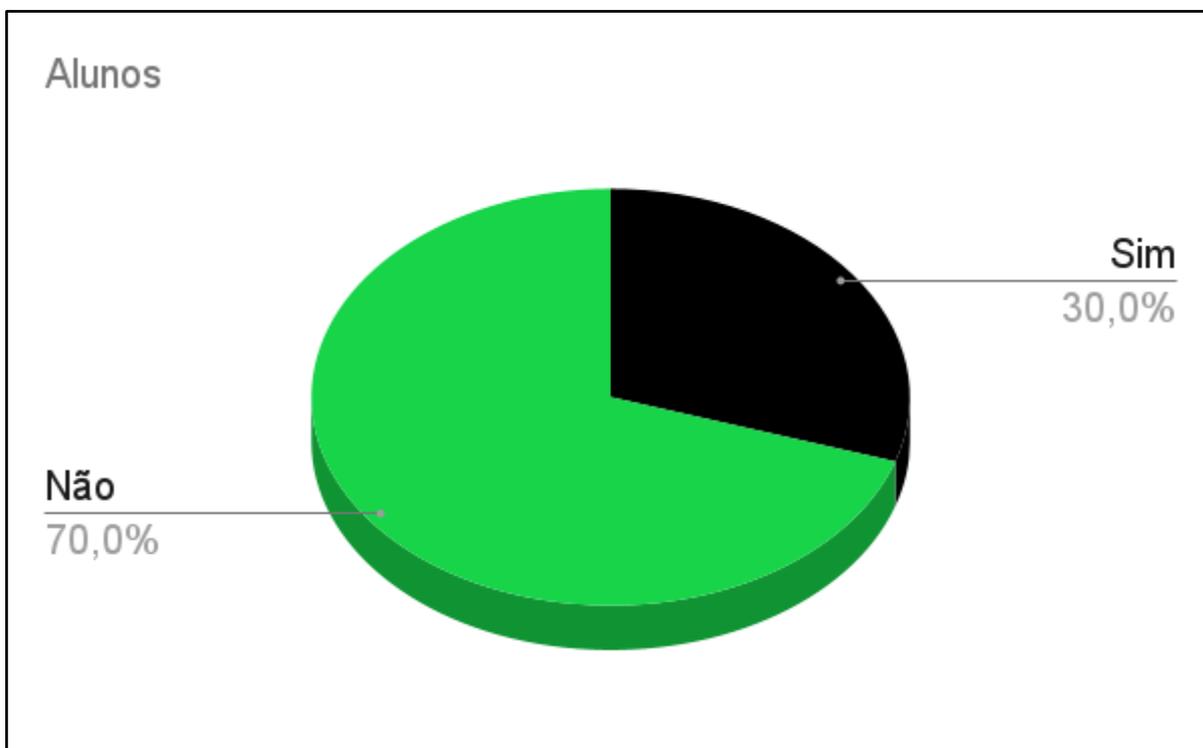
Gráfico 1: quantidade de períodos remotos cursados pelos participantes



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

De modo geral, as aulas remotas foram bem aceitas. A pergunta número 5 os questionava sobre a possibilidade de trancar o curso diante de tantas incertezas e de uma nova modalidade de ensino.

Gráfico relativo à questão 5



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Das respostas afirmativas, a de *Hera* chama bastante atenção pelo fato de retratar a realidade de diversos alunos brasileiros durante a pandemia. Quando afirmativas, foram levados a relatar o porquê desse pensamento.

*HERA: Sim, questões financeiras (pagamento de internet) e dificuldade de ter momentos para estudar. Quando era presencial, costumava estudar na faculdade em outros horários.*

A realidade brasileira infelizmente ainda deixa a desejar com relação ao acesso à educação. Em momentos como esse eram necessárias ações do governo para facilitar o acesso e permanência na universidade, até porque muitos dos alunos que

abandonam<sup>7</sup> a universidade, não têm condições financeiras para arcar com despesas como transporte e alimentação, por exemplo. Por se tratar de uma situação nova, novos problemas surgem como é o caso de acesso à internet para ter a possibilidade de acompanhar às aulas que eram disponibilizadas nos modelos síncrono<sup>8</sup> e assíncrono<sup>9</sup>.

Um dos alunos afirmou não ter pensado em desistir e justificou sua resposta.

*ARES: Não considere, pois na minha situação, o modelo remoto ajudou em conseguir fazer mais atividades, visto o ganho de tempo que gastava em deslocamento.*

Uma das vantagens que podemos observar até aqui, é o tempo ganho com relação ao deslocamento como apontado por Ares. Grande parte dos alunos do CAA, mora em cidades vizinhas e despende muito tempo viajando até o Campus. Além da economia com o tempo, economiza-se também financeiramente, já que não é preciso pagar o transporte ou lanche na universidade.

Quando questionados sobre as dificuldades estudando a distância<sup>10</sup>, pôde-se observar três estilos básicos de resposta. O primeiro grupo relatou o fato do contato pessoal com os colegas, que não é a mesma coisa interagir com o outro por meio de tecnologias como o computador ou o celular.

*ARES: Em relação às cadeiras, não tive problemas, apenas a questão do contato mais próximo com os colegas de turma, pois este contato ajuda no caminhar. Tenho colegas que entraram em processo depressivo agora no 9º período.*

Como apresentado por Bauman (2011), o mundo líquido moderno nos condiciona a viver uma vida dicotômica, de um lado a realidade física, de outro a realidade virtual, sendo que durante esse período, fomos forçados a viver boa parte dos nossos afazeres de maneira virtual. Pôde-se perceber a falta que faz a interação física e o quanto é difícil manter-se afastado de pessoas de que se gosta, sejam colegas de turma, de trabalho ou familiares.

---

<sup>7</sup> A taxa de abandono é de 10,8% no ensino médio e 16,3% no superior, segundo levantamento Datafolha a pedido do C6 Bank.

<sup>8</sup> Aulas que ocorrem em tempo real, havendo a interação professor-aluno de forma simultânea.

<sup>9</sup> Aulas gravadas ou materiais disponibilizados com antecedência para estudo dirigido.

<sup>10</sup> Questão de número 6.

*HÉSTIA: O distanciamento dos colegas, para troca de conhecimento e conversas mesmo. Além, claro, de um contato direto com os professores para tirar dúvidas e explicações também.*

*HERA: O tempo que passamos em frente ao computador, a falta de contato pessoalmente com os alunos e colegas.*

*APOLO: O contato pessoal.*

Para *Héstia*, além dos momentos para troca de conhecimento entre os colegas, ela afirma que o contato direto com o(a) professor(a), é fundamental para um bom entendimento do conteúdo. *Hera* e *Apolo* também seguem a mesma linha de raciocínio. Pudemos reafirmar a importância do professor em sala de aula e ter certeza de que é uma das profissões que jamais serão extintas. A educação a distância é uma importante alternativa para casos específicos, mas não deve ser levada em consideração como uma substituta para a educação presencial em todo e qualquer contexto.

O segundo grupo apresentou a dificuldade enfrentada no processo de ensino-aprendizagem em si, que vai desde a metodologia empregada pelo professor, até dificuldades de concentração por estar em um ambiente que não é propício para momentos de estudo.

*HEFESTO: O processo de ensino-aprendizagem, frente à situação de que o professor não tem uma dimensão completa sobre as dúvidas dos alunos nem o níveis cognitivos dos mesmos.*

*HERMES: Estar fora do âmbito universitário e tendo a possibilidade de fazer qualquer coisa ao invés de assistir aula ou fazer as inúmeras atividades.*

*ÁRTEMIS: Espaço físico.*

E finalmente o terceiro grupo, apresentou dificuldades pessoais de conciliação com trabalho e faculdade, e problemas de concentração, similar às respostas de *Hermes* e *Ártemis* do segundo grupo.

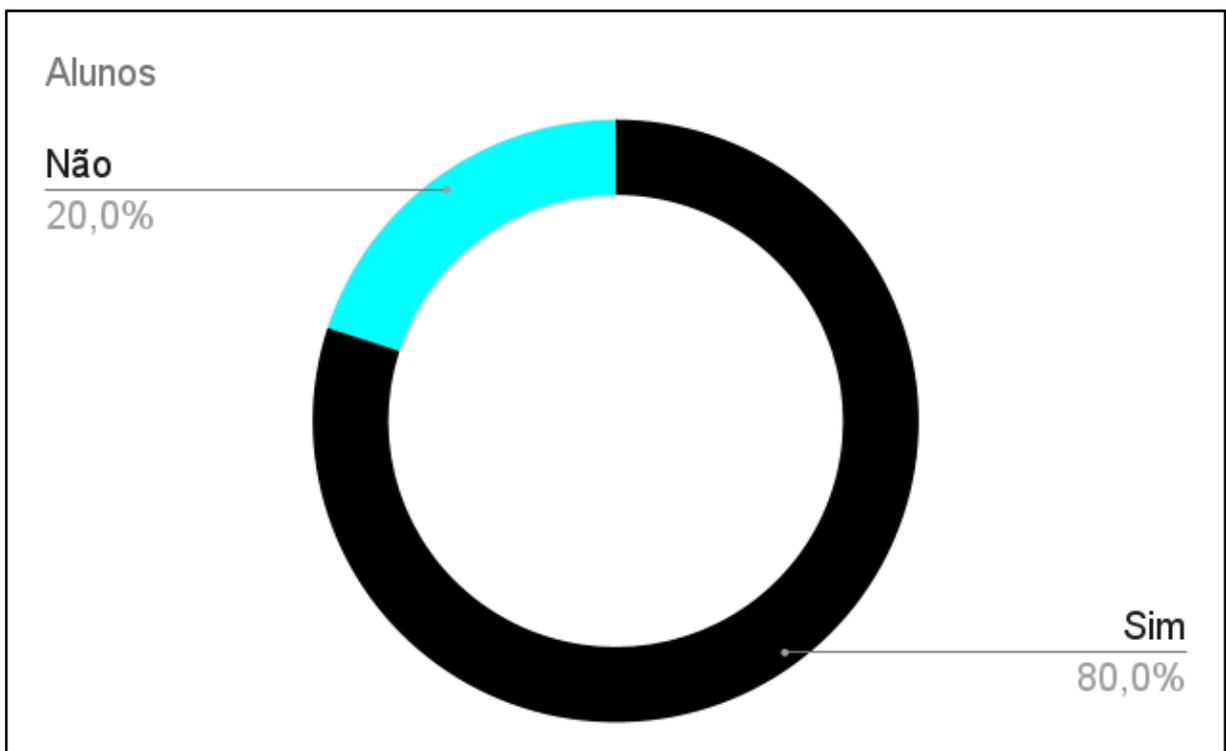
*ZEUS: Dificuldade de conciliar trabalho com o estudo, e também para criar uma rotina de estudo em casa.*

*AFRODITE: Atualmente, concentração. Momentos de silêncio tanto durante as aulas, quanto em outros momentos*

*POSEIDON: Manter o foco em algumas aulas.*

Quando questionados sobre terem se sentido sobrecarregados ou ansiosos<sup>11</sup>, os sujeitos foram levados a refletir sobre as possíveis estratégias utilizadas para evitar ou lidar com essa sobrecarga e possíveis ansiedades.

Gráfico relativo à questão 7



Fonte: Própria (2022)

<sup>11</sup> Questão de número 7.

Das justificativas apresentadas, algumas chamam atenção como é o caso da resposta de *Héstia*:

*HÉSTIA: Acredito que o primeiro passo é a organização. É criar um cronograma do seu dia, e dividir sua rotina com diversas coisas que considera importantes. Ou seja, buscar dar atenção a todas as áreas da vida (se possível, claro). Tanto na área acadêmica (estudos), profissional (trabalho), lazer (amigos, colegas) e Hobbies também (aprender algo novo, ouvir música, assistir filmes e seriados). Acredito que a palavra chave é equilíbrio. Portanto, a forma que enxerguei para diminuir esta sobrecarga, é destinar um pouco do tempo em coisas prazerosas, que me façam sentir bem e que proporcione um descanso para que eu possa começar novamente a rotina de estudos e trabalho.*

Assim como apresentado nos escritos de Foucault (2006, 2010) percebemos a importância em dedicar tempo e traçar estratégias voltadas ao cuidado de si. De nada adianta dedicar tempo e esforço em situações acadêmicas, profissionais ou até mesmo pessoais, se não estivermos bem. Para que a relação com o externo seja proveitosa é necessário que antes se tenha um carinho e atenção especial consigo mesmo, para que só então possa existir uma conexão com o que se pretende absorver do mundo ao redor.

Especificamente no caso de *Héstia*, percebemos algumas estratégias como a criação de um cronograma para visualização dos afazeres diários e evitar a sensação de acúmulo de obrigações, além de separar um tempo determinado para o lazer, dando um descanso para a mente, lidando justamente com a sobrecarga.

Nem todas as estratégias devem ser tomadas de forma independente, nesses casos é preciso procurar ajuda profissional, como foi o caso de *Zeus*, que reconheceu em si mesmo a necessidade de cuidar da saúde psicológica por meio da terapia.

*ZEUS: A terapia foi de extrema importância para me ajudar a lidar com essas situações novas, o uso de uma agenda para anotar todas as obrigações, e também fazer exercícios.*

Assim como *Héstia*, ele achou interessante cultivar o hábito de organizar um cronograma, mais especificamente uma agenda com a finalidade de organizar os compromissos. Além disso, procurou meios de cuidar da saúde física por meio de atividades físicas. O cuidado de si abrange todas as áreas da vida, psicológica, mental, física, emocional, e saber disso nos permite estar atentos para possíveis necessidades com relação à manutenção dessas áreas.

No caso de *Ares*, percebemos que ele não apresentou momentos de ansiedade e sobrecarga pois estava focado na família e de certa forma organizado com relação às suas obrigações acadêmicas. Embora à primeira vista não seja tão evidente, ele também praticou o cuidado de si, quando cultivou tempo de qualidade com a família e procurou meios de se manter em dia com as demandas da faculdade.

*ARES: Na verdade não tenho tempo para me abalar, pois além da faculdade tenho minha família para cuidar, se eles estiverem bem, eu estou bem, contudo não tive momentos como os citados.*

Em relação às vantagens dos dois modelos de ensino (presencial e remoto), listamos as principais observações dos alunos organizadas em duas tabelas com a quantidade de respostas que trouxeram o mesmo argumento. Ambos os modelos apresentam vantagens relevantes, a intenção desta pesquisa não é diminuir um ou outro modelo, mas valorizar suas características mais relevantes.

Tabela 1 relativa à questão 8

<b>ENSINO PRESENCIAL</b>	
<b>VANTAGENS</b>	<b>QUANTIDADE</b>
Interação com os colegas e professores.	10
Troca de ideias e momentos de estudo.	4
Momentos de descontração.	2

Fonte: dados da pesquisa (2022)

Ferreira (2011), apresenta a experiência como algo relacionado aos cinco sentidos, eles são usados para perceber o mundo ao nosso redor, fazem de nós quem

somos, e nos permitem criar memórias afetivas e fortes. O presencial aumenta as chances de vivermos experiências reais, de construir novos hábitos em consonância com a diferença do outro.

Tabela 2 relativa à questão 8

<b>ENSINO REMOTO</b>	
<b>VANTAGENS</b>	<b>QUANTIDADE</b>
Adiantar o curso.	1
Silêncio para se concentrar nas aulas.	2
Não precisar se deslocar até a faculdade, ganhando tempo.	6
Participar de eventos locais e interestaduais.	2
Mais tempo para entregar as provas.	1
Diminuição dos gastos.	2
Não ter contato com pessoas infectadas.	1

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

*HEFESTO: Acredito que no ensino presencial em se tratando de aprendizagem, são diversas as vantagens: oportunidades para tirar dúvidas; compreender melhor a construção da disciplina; melhor entrosamento com o professor, o que contribui para a quebra do muro entre professor e aluno. Contudo, cada pessoa tem sua realidade, e temos casos de pessoas que trabalham o dia todo e ainda enfrentam uma viagem dezenas de km para assistir as aulas, chegar em casa e poder acompanhar as aulas de casa talvez chegue a ser um alívio para essas pessoas. E as estudantes que são mães? Talvez elas estejam vendo muitas vantagens no ensino remoto, devido ao fato de poder estudar sem se desgastar tanto fisicamente.*

*POSEIDON: O ensino presencial nos permite ter um contato mais afetivo com estudantes e professores, me faz sentir bem. No ensino remoto, tem a vantagem de*

*poder participar de outros eventos antes da aula; há menos interrupções por conversas entre os estudantes; o tempo para realizar as provas é maior.*

*HERA: O ensino remoto encurta distâncias, não precisamos sair de casa, podemos participar de eventos em outros estados com mais facilidade. Mas o ensino presencial nos proporciona um melhor contato com colegas e professores, além de podermos frequentar a biblioteca, o laboratório de matemática...*

Essa perda de território, nos possibilitou enxergar novas possibilidades, valorizar os momentos vividos no contexto presencial, e perceber que a aprendizagem não se limita ao ambiente formal de uma universidade. Muito do que foi apresentado até aqui recai sobre a ideia de adaptação, de reterritorializar-se e buscar meios para cumprir os objetivos esperados pela universidade. As estratégias relacionadas ao cuidado de si, podem ser apontadas como ferramentas de reterritorialização, uma busca pelo entendimento e adaptação do contexto atual.

Para a última pergunta, indagamos sobre qual das áreas (teóricas e exatas) se adaptou melhor ao modelo de ensino remoto. A desterritorialização pode ser vista como essa perda repentina de um território que antes parecia seguro, imutável, mas que em poucos dias teve que ser repensado para atender às expectativas educacionais.

A reterritorialização parece ser mais fácil em determinados contextos, como podemos observar nas respostas a seguir:

*POSEIDON: Acredito que as teóricas se adaptaram melhor, pois elas acontecem de forma mais individual e depois acontece a socialização dos (des)entendimentos, utilizamos muito a sala de aula invertida. Já nas exatas, as aulas são praticamente as mesmas, porém com recursos digitais, onde o professor explica o novo conteúdo para nós. Houve falta de entendimento de termos e até da letra do professor, nestas disciplinas exatas, que atrapalharam o entendimento do resto do conteúdo. Também, é mais difícil tirar dúvidas e acredito que nas exatas isso sempre acontece. Ressalto que tive menos disciplinas de exatas nestes períodos remotos.*

Como apresentado por *Poseidon*, observamos que as disciplinas teóricas foram bem adaptadas, por envolver discussões e alternativas dinâmicas envolvendo os conteúdos, enquanto as disciplinas exatas não foram tão bem exploradas por se tratar muitas vezes de conteúdos diretos e metodologias meramente expositivas. Das 10 respostas, 9 concordaram que as disciplinas teóricas obtiveram um melhor desempenho no remoto, enquanto as exatas precisavam ser adaptadas de modo que não houvesse desinteresse por parte dos alunos quanto à participação nas aulas.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nossa pesquisa foi pensada com o intuito de relatar as experiências vividas pelos alunos nesse período tão difícil e incerto que foi a pandemia da Covid-19. Ninguém tinha certeza de nada e isso fez com que todos ficássemos apavorados. Quase como um registro histórico, este trabalho é a prova de que somos capazes de nos adaptar aos mais diversos problemas e fazer com que a educação acompanhe a liquidez que permeia o nosso mundo.

O embasamento teórico da pesquisa girou em torno de Foucault (2006, 2010), Gilles Deleuze (1992, 2022) e Bauman (2011). Seus estudos, bem como os artigos relacionados a suas teorias foram fundamentais para que esse trabalho viesse a ganhar forma.

Ainda que de forma breve, exploramos diversos conceitos como diferença, cuidado de si, desterritorialização, liquidez, entre outros. A educação está em constante mudança, e nós enquanto alunos e professores, temos a missão de estar atentos, crítico-reflexivos com relação à nossa prática. Percebemos que nenhum modelo de ensino está pronto e acabado, conseqüentemente está longe de ser perfeito, mas constatamos que apresentam características positivas, que podem e devem ser exploradas.

O Campus do Agreste (CAA) foi o berço desta pesquisa e pode servir de inspiração para outras em diferentes áreas, como na educação básica, por exemplo. Muito do que foi apresentado nesse estudo, é aplicável ao ensino fundamental e médio, e seria interessante investigar como esses processos de aprendizagem se dão nesses contextos, para que possam ser desenvolvidas estratégias para aprimorar a aprendizagem da base.

A desterritorialização é inevitável, pois a partir dela desconstruímos conceitos que antes pareciam absolutos e os reconstruímos desenvolvendo novos conhecimentos. Esses processos estão intimamente ligados ao cuidado de si, pois a partir dessa relação, temos a sensação de que estamos andando por um caminho desconhecido e incerto, essa insegurança desperta ansiedade, preocupação, desorganização, e se não houver uma atenção voltada para o eu, é bem provável que a forma como absorvemos as experiências pareça distorcida.

A partir do que foi apresentado nesta pesquisa, podemos investigar ainda sobre a importância do cuidado de si do ponto de vista docente, ou mesmo investigar como se dá a adaptação desses profissionais no contexto do mundo líquido moderno.

## REFERÊNCIAS

ARRAIS, André; ARRAIS, Tiago. 17 de Janeiro. In: ARRAIS, André; ARRAIS, Tiago. *Mais*.

BARONE, D. A. C.; ZARO, M. A.; MUSACCHIO, C. (2016). Delocalization and Spatialization of the Classroom: Deterritorialization in Education. *American Journal of Educational Research*, 3(11), 1417–1428. <https://doi.org/10.12691/EDUCATION-3-11-11>

BAUMAN, Zygmunt. *44 Cartas do Mundo Líquido Moderno*. Trad. Vera Pereira. 1ª ed. Zahar, 2011.

BOLSONI, B. V. O cuidado de si e o corpo em Michel Foucault: perspectivas para uma educação corporal não instrumentalizadora. IX ANPED Sul, 2012.

CORRÊA, J. N. P. ; BRANDEMBERG, J. C. Tecnologias digitais da informação e comunicação no ensino de matemática em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. *Boletim Cearense de educação e História da Matemática*, 2020.

DEWEY, J. *Experience and nature*. London: George Allen & Unwin Ltd., 1929.

\_\_\_\_\_. *Human nature and conduct*. An introduction to social psychology. New York: The Modern Library, 1922.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FERREIRA, N. G. M. L. *O papel da experiência na filosofia de John Dewey*. 6º Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia da UNESP, 2011

FOUCAULT, M. *Hermenêutica do sujeito*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. *Ética, sexualidade, política*. Col. Ditos e Escritos (v.V). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GALLO, Sílvio. *Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença*. In: Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. 2008. p. 1-16

GUATTARI, E e ROLNIK, S. 1996 *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes.

HAESBAERT E GLAUCO BRUCE, R. *A Desterritorialização na Obra de Deleuze e Guattari*. GEOgraphia, v. 4, n. 7, p. 7-22, 21 set. 2009.

IANNI, O. *A sociedade global*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1992.

MUCHAIL, S. T. *Foucault, mestre do cuidado: textos sobre hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

MANSANO, S. R. V. *Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na Contemporaneidade*. *Revista de Psicologia da UNESP*, 2009.

SALINERO, J. A. *El concepto foucaultiano de experiencia en la Filosofía con niños*. IX Jornadas de Investigación en Filosofía. Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Departamento de Filosofía, La Plata, 2013.

NEVES, J. L. *Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades*. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v.1, nº 3, 2º Sem./1996

OLEGARIO, Hilson Santos. *Desterritorialização no ensino de Filosofia: uma experiência rizomática no primeiro ano do ensino médio*. MS thesis. Universidade Federal de Pernambuco, 2019.

SCHIMIGUEL, J.; ELOY FERNANDES, M.; TSUGUIO OKANO, M. *Investigating Remote and Live Lessons through Collaborative Tools during Covid-19 Quarantine: Experience Report*. Research, Society and Development, [S. l.], v. 9, n. 9, p. e654997387, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i9.7387. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/7387>. Acesso em: 9 oct. 2022.

TROMBADORI, D. (2010): *Conversaciones con Foucault*, Amorrortu, Bs. As.

VERCELLI, LCA. Aulas remotas em tempos de Covid-19: a percepção de discentes de um programa de mestrado profissional em educação. *Revista @mbienteeducação*. São Paulo: Universidade Cidade de São Paulo, v. 13, n. 2, p. 47-60 Mai/Ago 2020.